

Comércio da Póvoa de Varzim

JORNAL REPUBLICANO E DEFENSOR DOS INTERESSES LOCAIS E O DE MAIOR CIRCULAÇÃO NO CONCELHO

Director e ditor—Manuel Agonia Frasco — Redacção e administração—Praça da República — Propriedade de Frasco & Companhia

A FESTA DA ARVORE

Vai renascer o culto da Arvore.

A feliz iniciativa criada há já duas dezenas e meia de anos sob o benévolo auspício do então «Século Agícola» é agora fortemente e carinhosamente patrocinada pelo Estado Novo que vê na propagação e culto da Arvore, confiado às crianças das escolas, um dos mais utilitários factores da educação nacional.

O nosso povo bastante maleável a todas as adaptações ou modalidades de costumes, olhou sempre enternecidamente para essa consagração e culminou a com o seu fervor entusiástico e sagrou-a com a união do seu afectivo sentimento.

Nada mais justo nem mais justificavelmente venerável do que a devoção e carinho que se possa dar às florações da Natureza quando estas nos trazem benefícios sem conta quer nos seus variadíssimos e magníficos produtos quer ainda nas múltiplas belezas e preciosidades que encerra uma flora, exuberante de vegetação, grandiosa de pâmpanos, ubérrima de frutos!

Assim a Arvore erguida para o firmamento na súplice exortação ou num gesto de desafio, saúde nas suas agulhas os revérberos do sol, as filigranas da lua e o idílico encantador das aves que nos trilos e gorgeios agradecem à Arvore amiga a sua protecção velada pelas franças e ramarias.

Como ajoelha comovida a alma ante esse espectáculo soberanamente empolgante da harmonia dos astros e da orquestração das aves saudando o palmar das florestas, o azevinheiro dos valados e as areocárias dos jardins!

Por isso, se a natureza homenageia a Arvore, por que não há de a humanidade prestar-lhe o seu culto?

Eu bem sei que o azêbre da ignorância manchou, por vezes, o cristal dessa consagração à Festa da Arvore alucinando-a de idólatra e pagã, como se o culto panteísta se trasladasse para a cópia fiel

das suas comemorações e para a amplitude que lhes foi alargada nas apoteoses dessas festas realizadas há 25 anos.

Não. Procurou-se tão somente com essas festas infiltrar no sentimento do povo uma veneração pela Arvore ensinando às criancinhas o que ela representa na vida do homem, a riqueza que se extrai dos seus frutos e das madeiras, a função de vida, alegria, economia e higiene que ela desempenha nos seus variados aspectos. Quiz exem-

plificar-se ao povo a grande obra da Criação, a sua acção benéfica desenvolvendo-se e ramificando-se a todas as camadas sociais, servindo ao pobre e ao rico, sustentando ou soerguendo a choupana do misero, ou levantando orgulhoso o palácio do nobre. Isto é: a árvore abraça os dois extremos; enlaça-os no mesmo amplexo e funde-os no mesmo sentimento de gratidão.

Bem haja, pois, o Estado Novo em fazer renascer a Festa da Arvore.

E' mister que a Póvoa, sem distinções de categorias, se interesse a valer por essa consagração. Mesmo para que a tenra raça faça a sua aprendizagem de civismo com os seus progenitores.

GIL

O Museu

Fala-se agora na instalação e organização dum Museu Regional, etnológico, já que não pode ser arqueológico, tão falho é o nosso concelho de velharias.

Seja etnológico, principalmente, e um pouco de tudo, histórico e artístico, que o pode ser. Mas ao lado desse Museu deve figurar um Grupo de Amigos, pessoas dedicadas e de ilustração, que olhem por ele, que o engrandeam, não o deixem cair como o de Rocha Peixoto, sempre aos vai-vens da sorte, sem uma verba camarária para a sua conservação e última-

mente oferecido, a esta e àquela escola, como quem se desfaz daquilo que nos é importuno ou que consideramos sem valor.

E ao lado do Museu devia erguer-se uma Biblioteca, pelo menos regional, uma secção de leitura erudita, pelo menos, ou também popular.

Mas nada se faz nem se pode fazer sem dinheiro, só com boas palavras e bons desejos: há necessidade de escolher uma casa própria, que sirva ao fim em vista, e de procurar receita para a sua instalação, aquisições, etc. Só a Câmara Municipal pode e deve auxiliar e tomar a peito esta iniciativa que, a efectivar-se com êxito, amanhã o Estado poderá subsidiar, ou chamar a si a despesa geral, como se dá com os Arquivos distritais, bibliotecas eruditas e museus oficiais.

Para já tem de agir o Município e constituir-se um grupo de Amigos do Museu, para que a ideia vá avante, se realize e perdure. E é bom pôr em memória o Museu de Rocha Peixoto e a Biblioteca de Camões, que deviam estar na Câmara e não estão, como a Lei determina e foi para isso que muitas pessoas entre elas Rocha Peixoto, deram os seus objectos e livros.

Damos à iniciativa em projecto todo o nosso apoio, lembrando que o caso não admite delongas e tem de ser resolvido imediatamente, a fim do novo Museu já poder ser enriquecido com algum recheio da exposição que vai encerrar dentro de dias.

A casa e local também é assunto a ponderar convenientemente.

Ecos da Semana

A ROMAGEM AO CAMPO SANTO

Teve lugar no domingo a romagem ao Campo Santo, como que em visita aos entes queridos que repousam à sombra dos ciprestes.

Ricos e pobres, os que se encontram em vistosos mausoleus e os que baixaram à terra fria, todos tiveram nesse dia lindas flores, orvalhadas por lágrimas sentidas dos seus familiares que se encontram nesta Vida de tantas incertezas e de tantas desventuras.

Essas flores, depositas por mãos trémulas, eram como que o tributo da Saúde prestado à memória dos que se foram e que para sempre ali jazem.

Triste romagem essa, que faz brotar lágrimas dos olhos e avivar a dor nos corações!...

E a contrastar com a tristeza da romagem, um dia lindo de sel parecia dizer:

—Chorai a Morte, mas não deixeis de sorrir à Vida...

O S. MARTINHO NO CASINO

A exemplo do que tem feito em anos anteriores, a direcção do nosso Casino promove no dia de S. Martinho, uma grande festa, denominada Festa do Fado, que hade decorrer plena de animação e de alegria.

Não faltarão a tradicional Ceia Regional nem o concurso das grandes cantadeiras D. Bertá Cardoso, D. Maria do Carmo, D. Alcídia Rodrigues e D. Maria Laura, que, ao som dolente das guitarradas, cantarão fados e canções regionais.

CALCETAMENTO

Segue pela Praça Marquês de Pombal o trabalho de calcetamento da estrada nacional. No entanto, o entulho continua sobre os passeios, sem que o empreiteiro o retire, talvez esperando que a invernia se encarregue desse trabalho, quando as encurragas vierem pôr à prova as obras da grande reparação nas estradas.

Parce que onde o serviço terminou devia ser tudo convenientemente arrumado, entulhos e pedras, deixando-se livres os passeios para os que transitam a pé, e tanta gente é nestas artérias de desusado movimento.

A FECHAR

Papá, porque é que toda a gente tem em suas casas os Vinhos e Quinado Constantino?

—Porque é de todas as marcas a melhor e por isso lhe dá a sua preferência.

A Romaria do Mar

Impressões de viagem

Todas as Companhias dos Caminhos de Ferro em Portugal,— e não poucas eu conheço—e mesmo de Espanha, por onde algumas vezes viajei, possuem um pessoal, a quem pagam, encarregado da limpeza das carruagens de todas as classes e, devido a isso, não há quem tenha pejo de sentar-se numa carruagem de 3.ª classe, pois vai já com a certeza de que, ao fazê-lo ou ao encostar-se não emporcalhará o fato que levar vestido.

Tal não succede, porém, com a C. N. que, se desse pessoal faz uso, o que duvido, é no troço da linha da Senhora da Hora a Fafe.

Isto não representa em mim uma obsecção, como muitos podem supôr: é uma verdade que todos podem verificar.

Quem tiver de fazer o trajecto, por aquela linha, do Porto até a Póvoa e da Póvoa até Famalicão, tem de sair de casa munido de um espanador com que possa limpar o banco onde tem de se sentar e de um trapo com que possa tirar a imundície do lugar onde se queira encostar.

Quando aí fui, acompanhado da minha família e de dois amigos meus para visitar a Exposição Regional de Pesca Marítima, apenas entrei na carruagem na estação da Boavista, ao ir sentar-me muito confiada e distraidamente, uma minha filha me preveniu de que o banco em que pretendia faze-lo estava carregadíssimo de pó e assim eu tive de esperar que ela o limpasse com o próprio lenço.

Ainda se ficasse por aqui...

Um dos amigos que me acompanhavam e que de frente de mim se sentou, querendo verificar se poderíamos encostar o braço no peitoril da janela que próximo de nós ficava, passou por ela um dedo e retirou-o preto.

Assim se ficou sabendo que quem quizer sentar-se naquelas carruagens tem de levar um espanador e quem quizer encostar-se terá de levar um esfregão ou, como aqui no Porto se diz, um encharcado.

No nosso regresso ao Porto, que foi feito por comboio das 0 horas e 1 minuto não fomos tratados com maior gentileza pela C. N.

Faltavam apenas 5 minutos para a partida do comboio.

A gare estava apinhadíssima de gente que desejava embarcar sem o poder fazer, pois que o comboio ainda estava por organizar.

Deante de nós, na segunda linha estava organizada já um outro comboio para sair quando calhasse; porém, aquele que devia sair daí por 5 minutos ainda estava por organizar e a gare encontrava-se, como acima disse, apinhadíssima.

Os empregados da Companhia desculpavam-se dizendo que estava ainda a organizar-se o combóio que havia de trazer nos ao Porto.

De entre a multidão que ali se encontrava aglomerada, algumas vozes saíram exclamando:

— Isso é bom para os outros!

— Claro! Da outra vez que cá estive já diziam o mesmo e eu tive de embarcar no combóio que estava formado na segunda linha.

E um côro geral acrescentou:

— Isso é verdade! Isso é verdade!

Senti imensas coegas de fazer coro com esse coro e te-lo-ia feito se, nesse momento, não entrasse na primeira linha o combóio que nos trouxe ao Porto.

E' claro que a entrada para ele foi feita um pouco arbitrariamente, á laia de—Salve se quem puder!

Felizmente, não houve desastres porque, segundo o que então apreciiei, a C. N. segue o exemplo do combóio espanhol que=*Parte quando parte e llega quando llega*.—

Já me alonguei demais e por isso deixo para a semana o resto das minhas impressões de viagem.

JOVES

Dr. José Pontes

Vai regressar hoje á capital, depois de ter passado na Póvoa, na sua linda e confortável vivenda, uma bem merecida quadra de repouso, o illustre médico e nosso querido amigo sr. dr. José Pontes, presidente do Comité Olímpico Português.

O «Comércio da Póvoa» que nutre por s. ex.º o maior respeito e carinho agradece-lhe o seu abraço de despedida e retribue-o com os votos de muitas e muitas felicidades.

O problema da água

Junto do rio Ave já anda sendo construído o poço para a captação de águas para o abastecimento da Póvoa de Varzim, águas que serão elevadas a um reservatório a fazer nas Portas Fronhas e daqui canalizadas convenientemente para esta Praia.

Folgamos porque se tivesse dado começo ás obras do grande melhoramento pôveiro, afim de serem aproveitados os 100 contos que o Estado destina este ano ás referidas obras.

Póveiros!...

Ides ao Porto?

Procurai os bons vinhos, o autentico verdasco e saberosos petiscos, na «ECONOMICA»—Ru. 5 de Outubro n.º 77, próximo á estação

Passeios

Parece que ficou a cargo do Município o arruço dos passeios das estradas nacionais, agora em grande reparação por conta do Estado. No entanto verifica-se que as ruas Almirante Reis, Paulo Barreto e Cidade do Porto se encontram concluídas com esses trabalhos do novo calçamento, menos as obras dos seus passeios.

Se estes competem ao Município, que para elas tem com participação do Estado, seria muito útil que o assunto se arumasse, tanto mais que actualmente, dentro da Póvoa e por conta da Câmara, não nos consta que existam outros serviços em execução, dando trabalho ao desemprego.

Vem o inverno e as classes obreiras precisam de exercer a sua actividade, neste tempo em que é mais escassa a procura de braços trabalhadores.

Com os meus botões...

Supondo que o legislador, no seu trabalho de direcção imperativa das diversas actividades sociais, apenas tem em vista dar a todos — a todos, sem excepção — o quinhão de inteira justiça que lhes cabe, o certo é que nem sempre a execução prática do seu labor é a resultante harmoniosa do seu pensamento.

E assim quasi que se poderia afirmar que as disposições legais são vantajosas ou inconvenientes conforme a maneira como são utilizadas, o que é função das pessoas a quem elas directamente dizem respeito.

Quando o espirito de isenção rene os interessadas, defendidos os seus negocios por normas legislativas, não há que recear que estas venham a comprometer a acção de quem as orientou. Mas se, pelo contrario, se olha somente o bem próprio em detrimento do alheio, se não se procura, dentro das maximas transigências, entrar, francamente, no dominio das conciliações necessárias, pobre da lei que se coloca ao serviço de tal gente!

Em conclusão: Haverá leis boas e leis más?

Eu penso que o que há, acima de tudo, são bons ou maus individuos a dar lhes execução.

A. CASTRO

Alfredo Pinto

Com pequena demora esteve no sabado na Póvoa, de visita aos seus amigos poveiros — e tantos são eles! — o nosso querido amigo sr. Alfredo Pinto, que é ao mesmo tempo colaborador illustre do «Comércio da Póvoa». Alfredo Pinto não deixou de abraçar nesta casa os seus amigos e todos são os que tem pelo querido «Povoiro Adventicio» a

A Hora que Passa

(Anedotas poveiras)

Sem papas na lingua...

Joaquim... Gomes... Vilar... Garraffão... era esta a sua graça e assim se assinava com todos os ff e rr.

O seu último nome fora-lhe posto no Brazil, onde estivera, e ele, por causa das dúvidas, pospuzera-o á sua assinatura.

E, em verdade, a sua silhueta era tal qual aquêlle bojudo recpiente báquico.

Muito chevo e baixote, sempre, quer de verão ou de inverno, com o seu capote sem mangas e chapéu fino na cabeça... parecia mesmo um garraffão, sem tirar nem pôr!

Era irmão de António Joaquim Gomes Vilar, o Empbaço, e tinha um amigo que nunca o largava — um cão peludo e cinzento, feio como todos os diabos!...

Imbuíram-no umas fumaças de homem de ciência. Assim como Raspail curava tudo com a cânfora, também Garraffão para tudo receitava... clisteres.

Tinha dôres de cabeça? ... Clister! Dôia um dente? ... Clister! Duchava um tornozelo? ...

Clister! etc., etc., etc. Até para a cólera descobrara um remédio heroico: clister de agua morna com fuligem da chaminé!...

Tinha uma preta trazida do Brazil, que volta e meia suportava resignadamente o empirismo escoláptico do nosso heroi. Diziam as más linguas que a pobre criatura fora vítima da sua clisteromania.

Ah! já nos ia esquecendo... Foi êle quem introduziu, na Póvoa, o costume de se cantar o Beudito atraz do Senhor torca.

Vamos agora á nossa anedota:

Sendo presidente da Camara seu irmão, viera aqui á Póvoa o governador civil do distrito. Fora este recebido nos Paços do Concelho com todo o aparato, estando presentes todas as autoridades administrativas e judicias.

Joaquim Garraffão, que era muito ousado, pede para botar fala.

Sendo-lhe esta concedida, começa pouco mais ou menos nestes termos:

— Os povoenses, senhor governador, são trabalhadores e honrados. As cadeias, por onde V. S. ainda há pouco passou, não são povoadas por gente daqui. Quem as deve povoar, aquelles para quem todo o rigor é pouco, são estes. (apontando cara a cara os officiaes de justiça), porque são os verdadeiros assassinos da humanidade.

Imagine-se depois desta diatribe o escarceo que haveria. Não pde mais falar e para ser lynchado pouco lhe faltara!

B. P.